



MARIA DE TODAS NÓS

Claudete Beise Ulrich
Sônia G. Mota



PNV 301

Maria de todas nós

**Claudete Beise Ulrich
Sônia Gomes Mota**

São Leopoldo/RS



2013

© Centro de Estudos Bíblicos
Rua João Batista de Freitas, 558
B. Scharlau – Caixa Postal 1051
93121-970 – São Leopoldo/RS
Fone: (51) 3568-2560
Fax: (51) 3568-1113
vendas@cebi.org.br
www.cebi.org.br

Série: A Palavra na Vida – Nº 301 – 2013

Título: Maria de todas nós

Autores: Claudete Beise Ulrich e Sônia Gomes Mota

Capa: Artur Nunes

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

ISBN: 978-85-7733-179-6

CLAUDETE BEISE ULRICH Possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST (1987), graduação em Pedagogia – pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2005), mestrado em Teologia Prática – EST (2002) e doutorado em Teologia – EST (2006). Pós-doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (2007-2008). Tem experiência religião, história e educação. É teóloga e pastora luterana, trabalha na Academia de Missão junto a Universidade de Hamburgo, residindo em Wunstorf, Alemanha.

SONIA GOMES MOTA possui graduação em Bacharel Em Teologia pelo Instituto de Educação Teológica da Bahia (1992), graduação em Artes Industriais pela Universidade do Estado da Bahia (1986), graduação em Licenciatura Em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (1995) e mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2003). É teóloga e pastora presbiteriana, residindo em Kassel, Alemanha.

Sumário

Apresentação	4
Maria, Marias em mim!	7
Maria = a ser católica.....	8
Maria a luz o deu.....	9
Maria, mãe de Deus	11
Maria: ser mãe em situação de pobreza e dor	12
Maria e José o contemplam em paz	13
Paternidade responsável.....	15
Um novo jeito de ser família e de ser comunidade	16
Maria: mulher que diz sim com autonomia	17
Maria canta a Esperança profética de uma nova história.....	19
Maria e a vida que teima em brotar.....	22
Maria, Marias.....	26
A Maria da vida toda.....	26
As minhas Marias de ontem.....	27
A Maria da minha adolescência	28
Uma subversão protestante: uma juventude embalada por Ave-Marias clandestinas	28
E as mulheres da minha igreja, o que elas pensam sobre Maria?	30
O que os Evangelhos dizem sobre Maria.....	32
O que os reformadores dizem sobre Maria	33
Minha Maria de hoje – Marias que eu quero bem!	34
Anexo – Poesias	37

Apresentação

Odja Barros¹

Este livro propõe-se a apresentar a fala de algumas mulheres protestantes que compartilham seus encontros, desencontros e reencontros com Maria, tendo em vista a sua tradição protestante.

Como mulheres protestantes, fomos expostas a uma cultura religiosa predominantemente anticatólica que deixou seus efeitos, não apenas nas relações em seu caráter mais institucional, mas em nossas histórias de fé. De alguma forma, Maria é uma figura cercada de ambiguidades no imaginário protestante brasileiro. Maria tornou-se um símbolo quase interdito na vida de nós, mulheres protestantes, principalmente para aquelas pertencentes aos grupos chamados de protestantismo de missão, em que se localiza a minha tradição batista que chegou ao Brasil e a toda a América Latina com uma visão mais expansionista e conversionista e com uma pregação marcadamente anticatólica na qual pesava o discurso contra a idolatria aos santos e santas da Igreja Católica, e conseqüentemente, a adoração à Maria que simbolicamente era a representação máxima da “idolatria” católica, rejeitada e condenada até hoje pela mensagem de muitos grupos evangélicos no Brasil.

Como construir uma relação com Maria com base em nossa tradição e espiritualidade protestante? Os textos aqui compartilha-

1 Pastora batista e diretora adjunta do CEBI.

dos são exemplo de possibilidades que mantiveram a fidelidade às suas tradições cristãs protestantes sem evitar, excluir ou ignorar a figura de Maria que pode ser inspiração e força para mulheres de todas as tradições cristãs.

No primeiro texto, Claudete BeiseUlrich, pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana, explicita sua relação com Maria, fundamentada em hinos, cantos e músicas que falam de Maria e que acompanharam toda sua vivência de espiritualidade na Igreja Luterana. A importante indagação trazida por ela é se realmente Maria esteve ou está ausente da espiritualidade protestante. Nas canções tradicionalmente cantadas na Igreja Luterana no tempo de Advento e do Natal, ela apresenta a Maria presente nas encenações e nas declarações teológicas cantadas nos hinos históricos de Martinho Lutero e outros. Em sua reflexão, nos conteúdos das músicas que cantam Maria, reconhece os condicionamentos e imagens idealísticas e hierárquicos aos quais a figura de Maria é submetida, mas acima de tudo, destaca a Maria forte que canta o Magnificat e que disse o sim com autonomia e, com seu sim, possibilitou a encarnação de Deus na história através de Jesus Cristo e por isso se converte num símbolo de força e luta para todas a mulheres.

Sonia G. Mora escreve sobre as marias da sua infância, adolescência e juventude na Igreja Presbiteriana Unida. Mas, ela vai além e busca ouvir a voz de outras smulheres da Igreja Presbiteriana Unida em diferentes lugares e de diferentes idades, perguntando sobre a sua compreensão de Maria. Esse registro interessante levou a constatar que, a despeito de toda advertência e cuidados para não alimentar a “mariolatria”, as mulheres conseguem construir suas relações subversivas com Maria. Talvez uma relação em constante busca de uma Maria mais próxima e cúmplice que escape a todo referencial patriarcal e ao discurso moralizante da Igreja.

Sônia busca ouvir também as vozes dos antigos textos que falam de Maria nos Evangelhos e depois segue ouvindo a vozes dos reformadores a respeito de Maria, concluindo que eles se referem à Maria com respeito e até louvor, ressaltando sempre sua importância como modelo de fé. Finalmente, conclui com as Marias de hoje e a Maria da sua maturidade que veio acompanhada de muitas mulheres que ajudaram a tirar o véu dessa Mulher chamada Maria.

Interessante observar nos textos aqui apresentados as diferentes trajetórias de relação com Maria sob o ponto de vista de cada tradição protestante. Nessas trajetórias, encontramos distanciamentos e aproximações, indagações, identificações e reflexões, mas, sobretudo, as reelaborações e os reencontros mais pessoais e autônomos de mulheres que conseguiram alcançar a liberdade das demarcações institucionais e das crenças religiosas dogmatizantes. Lamentavelmente não podemos dizer que essa é a história da maioria das mulheres protestantes no Brasil. Muitas de nós continuamos dependendo dos óculos institucionados pela nossa tradição para elaborar nossa relação pessoal de fé com Maria e com outros símbolos da nossa fé.

Por isso acredito na importância de textos como estes que tentam dialogar com as mulheres em suas tradições de fé, não só com aquelas que já estão em lugar privilegiado do estudo, pesquisa ou olhar mais autônomo em relação à sua tradição, mas também com aquelas que vivem o seu cotidiano e sua fé em sua tradição religiosa e que ainda não transitam em espaços mais ecumênicos. Nossas tradições cristãs podem, por vezes, ser caminho ou barreira para vivermos a nossa própria trajetória de fé. Os textos aqui compartilhados enraizados na vida e fé de mulheres engajadas e de uma fé militante em suas tradições podem servir de caminho para fazermos nossa própria reflexão sobre a nossa relação com Maria, não somente da nossa tradição protestante, mas, sobretudo, para além dela.